

## A psicanálise é a ciência da falta

DURVAL MAZZEI NOGUEIRA FILHO

Durval Mazzei Nogueira Filho é psicanalista e psiquiatra, professor do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro aderente à Escola Brasileira de Psicanálise. É autor, entre outros, de *Psicanálise e Ciência: a Neurociência questiona?*, trabalho ainda não publicado, cujos eixos temáticos são abordados nesta entrevista: a diferença epistemológica entre psicanálise e neurociências, a imiscuição de interesses econômicos nas pesquisas científicas e a avaliação de psicoterapias. Este último tema foi, aliás, objeto de apresentações de Durval no X Congresso Argentino de Saúde Mental, no III Congresso Regional da *World Federation of Mental Health* e no VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, ocorridos nos meses de Agosto e Setembro de 2016. A entrevista foi realizada por Luana Viscardi Nunes e Telma Nunes de Oliveira Ximenes em 19 de Agosto de 2016, no Instituto Sedes Sapientiae.

**Boletim Formação em Psicanálise:** O que o motivou a trabalhar sobre o tema das neurociências?

**Durval Mazzei:** Basicamente perceber que é um tipo de discurso, um tipo de proposta, um tipo de apresentação ao mundo que compete com o discurso analítico. E, então, a minha intenção - além, é claro, de curiosidade - foi efetivamente tentar desenvolver um discurso que diferenciasse de modo marcante esses discursos que, num determinado contexto, seriam pura e simplesmente concorrentes. Às vezes, eu acho que os analistas têm o mesmo complexo

de vira-lata dos brasileiros [risos] ao acharem que, se a psicanálise pudesse ser confirmada em bases neurocientíficas, ela seria mais convincente, mais respeitada. Uma outra razão era justamente demonstrar o contrário: que esse é um modo de efetivamente fazer com que a psicanálise perca suas especificidades epistemológicas.

**BFP:** O cérebro hoje, no contexto histórico em que a gente vive, é uma espécie de celebridade. Foi alçado à condição de órgão cujo funcionamento parece representar a resposta última a todas as questões humanas. É uma redução explicativa que fica muito claramente ilustrada pela afirmação alegórica do neurocientista Francis Crick de que não somos mais do que um pacote de neurônios. Neste cenário, o que pode a psicanálise?

**DM:** Eu ri muito lendo os *Fundamentos neurofilosóficos das neurociências*, texto do Peter Hacker e do Maxwell Bennett, quando eles, comentando o *Astonishing hypothesis*, do Francis Crick, dizem que a hipótese do Crick pode ser fantástica, mas é muito velha! E vão citar Thomas Hobbes (o filósofo autor de *Leviatã*), Jean-Pierre Cabanis (médico e filósofo francês no século XVIII), Julien Onfray de La Mettrie (autor de *O homem máquina* e contemporâneo de Descartes que opta exclusivamente pela *res extensa*, desprezando a *res cogitans*) dizendo exatamente a mesma coisa que Crick. Essa redução explicativa é um tipo de discurso muito comum. O Hacker, que é um filósofo e também estuda as neurociências, e o co-autor dele nesse livro, o Bennett, que é um neurocientista, criticam duramente essa redução explicativa. Mas, por mais que um psicanalista possa ficar absolutamente simpático a neurocientistas que não seguem esse caminho redutivo, como o Steven Rose e o Gerald Edelman, a diferença epistemológica se mantém. O Steven Rose, por exemplo, é um autor que eu posso dizer que é um neurocientista lacanianos porque ele afirma que o que fez crescer o cérebro humano foi a linguagem. Ele se opõe à ideia de que cérebro humano ficou grande durante o processo de humanização e que aí então o humano aprendeu a linguagem. O Steven Rose fala exatamente o contrário ao afirmar que foi justamente a existência, no corpo, de um aparelho fonador ultracriativo que, ao começar a montar um monte de

sons, favoreceu com que o cérebro *sapiens* - que é como o Rose o chama - ficasse esse cérebro esquisito como é o nosso. Não é que, de repente, apareceu “por milagre” uma criancinha com um cérebro grandão e saiu falando e ensinou todo mundo, imagem que a meu ver ilustra a posição dos biólogos furiosos. Qualquer biologista sabe que mutação ao acaso acontece numa pessoa, não acontece de uma vez numa população inteira. Steven Rose é um autor, então, que até recomendo que os analistas leiam. Da mesma maneira o Gerald Edelman, que efetivamente se dá conta que não há como deduzir do cérebro um centro organizador. Esse centro organizador está em outro lugar. São os tais processos enactivos.

**BFP:** O que é um processo enactivo?

**DM:** Difícil explicar em poucas palavras, mas é uma coisa que implica uma espécie de globalidade na ação. Não há no cérebro um ponto central que organize tudo, como o Crick acredita, por exemplo. A redução explicativa é efetivamente uma coisa que não bota para debaixo do cu de cobra apenas a psicanálise, mas também a filosofia, a sociologia, as relações pessoais, o desenvolvimento das pessoas, criando uma espécie de objeto completamente privilegiado que domina o mundo inteiro. Isso é uma coisa muito curiosa: esses nossos cientistas nunca conseguem se afastar de uma proposição que se assemelha à proposição religiosa ao proporem uma espécie de centro organizador de absolutamente tudo. Se não é o cérebro, é o gene, se não é o gene é a proteína, se não é a proteína é a rede neural, se não é a rede neural é um setor do cérebro... a redução explicativa é divina, nesse sentido. Não há explicação mais reduzida do mundo do que “Deus criou”.

**BFP:** A ciência empirista/verificacionista é, por princípio, essa espécie de religião que concebe o seu recorte do real como o único verdadeiro? Trata-se de uma questão de fundamentos, que está presente na própria epistemologia científica? Ou essa posição excludente resulta do uso, da manipulação que a autoridade econômica sabidamente faz da produção do conhecimento, excluindo tudo aquilo que não serve a seus interesses?

**DM:** Eu só posso responder sim, especialmente em relação à segunda parte da pergunta. Um dos três grandes eixos temáticos abordados em meu artigo *Psicanálise e ciência: a neurociência questiona?* é aquele em que desenvolvo a ideia de que o interesse econômico favorece com que a tão alegada neutralidade da ciência - que o método empírico verificacionista por definição quer garantir - acaba sendo questionada. A partir do fim dos anos 1980 começam a ocupar os periódicos internacionais psicológicos e psiquiátricos as pesquisas sobre a eficiência das psicoterapias. São pesquisas feitas sem o devido cuidado, em que fica evidente que a questão é efetivamente econômica. Elas partem da seguinte injunção: “Vocês, psicoterapeutas, devem provar qual é o método psicoterapêutico mais eficiente. O método para isso vocês já têm, é o método empírico verificacionista.” Só que o que ninguém chegou a se dar conta é que efetivamente o psicanalista, o cognitivista, o comportamentalista, o existencialista, o rogeriano, o psicodramatista... se vão fazer esses testes, vão concluir cada qual que o seu método é melhor. E se você pega um método que já nasceu com um formato breve estruturado, está claro que ele vai ser mais eficiente. Como eu digo em meu artigo, se eu pegar o melhor maratonista da história do planeta e fizer ele correr 100 metros com o pior velocista da olimpíada, o pior velocista da olimpíada ganha. Mas deixa a corrida chegar a 1 quilômetro para você ver onde é que foi parar o velocista: morreu, ele caiu! E o maratonista está lá correndo como se estivesse passeando na cozinha dele. É mais ou menos essa a comparação a se fazer em relação a pesquisas, cujo resultado só pode ser, do ponto de vista da ciência, uma falácia. É uma falha lógica, um furo lógico.

**BFP:** Eric Kandel, neurocientista entusiasta da neuropsicanálise, defende que as neurociências poderiam oferecer uma nova fundação para o desenvolvimento futuro da psicanálise, mais satisfatório do que a metapsicologia psicanalítica. E que para tanto que a psicanálise deveria ajustar-se ao método científico de investigação. Restaria algo de psicanalítico no projeto da neuropsicanálise?

**DM:** No Eric Kandel não. Mas, no Mark Solms e especialmente na mulher dele, a Karen Kaplan-Solms, parece que sim. Ainda resta algo de psicanalítico aí. O Kandel, na autobiografia dele, que se chama *Em busca da memória*,

conta que começou a sua vida profissional como psicanalista. Ele foi analisado e nesse *Em busca da memória* até demonstra uma certa gratidão pessoal à análise dele. Mas depois Kandel seguiu o caminho de pesquisar a memória, que é aliás, a meu ver, o fundamento do trabalho freudiano. Especialmente a primeira tópica freudiana é um trabalho gigantesco sobre a memória. Sobre a memória que aparece, que desaparece, que retorna, que se disfarça. É claro que em Freud ela está ligada a um sujeito, não é a memória como fato neurobiológico. E eu creio que esse método científico que o Kandel fala é o método empírico verificacionista. Ele é um sujeito que efetivamente acredita que só se pode fazer ciência nessas bases, que não há um outro modo de pensar racionalmente as questões que não seja essencialmente o empririco-verificacionista. Mas a gente tem alguns outros autores na epistemologia que efetivamente discordam disso. Por exemplo, o Gerard Fourez em seu escrito “A Construção das Ciências”, que diz literalmente que não se pode acreditar que o mesmo método que serve para a física sirva para qualquer outra ciência. Um outro epistemólogo, Gilles Granger, defende o mesmo ponto de vista no escrito que se chama justamente *A ciência e as ciências*, abrindo a possibilidade ao pensamento científico, além da restrição de sua definição ao método de pesquisa. O analista é tão cioso dos seus conceitos e da sua construção teórica quanto qualquer cientista. Isso pode ser visto no trabalho do Freud, isso pode ser visto no trabalho do Lacan. É bastante interessante, e às vezes até uma coisa que impressiona, como os analistas, mesmo não tendo um método empírico verificacionista, diante de um caso clínico acabam falando daquele quadro clínico de uma maneira muito semelhante. Se você passar por baixo da diferença entre o linguajar de cada uma das significativas escolas psicanalíticas, pensa-se de maneira muito parecida. Sem, para isso, precisar de um método supostamente neutro que, digamos assim, é o único que pode garantir que eu não sou um canalha. Não é a toa que a questão ética é uma questão absolutamente fundamental em Freud, em Lacan, em Bion... em Melanie Klein eu não saberia dizer. Porque eu acho que todo mundo se dá conta de como é que eu posso transformar aquilo que se passa entre duas pessoas em algo que tenha um sentido transmissível. Aí sou contra, completamente contra os analistas que tentam fazer da psicanálise uma experiência inefável. Acho que o Bion é um grande representante

disso. De que o que se passa numa sessão analítica é tão sei lá eu de que jeito que eu não tenho como falar disso para alguém. Eu realmente creio que aí a gente se aproxima do misticismo, se aproxima de algumas coisas que eu não creio que caibam no discurso analítico. Mas o fundamental é poder perceber que há uma racionalidade que não deve nada a qualquer princípio iluminista no discurso analítico.

**BFP:** O Lacan reconhece que o conhecimento psicanalítico deriva da emergência histórica da ciência, mas entende que o modo psicanalítico de construir e transmitir saber difere do da ciência. Em que consistem essas diferenças?

**DM:** Há uma frase do Freud que eu acho que define essa diferença, que se não me engano está em uma das *Conferências Introdutórias*, que diz que o neurótico não sabe que sabe. Então nós, os analistas, somos um grupo de prestadores de serviço subversivos. Porque a gente parte do princípio que o sujeito que nos procura com uma indagação sabe mais que nós próprios. Eu creio que essa novidade no manejo do saber, que é o que define a epistemologia desde a psicanálise, é o que torna a transmissão da psicanálise diferente de todas as outras ciências, em que se parte do princípio que o cientista acaba de algum jeito sabendo mais do que aquele que lhe dirige uma pergunta. Esse é o ponto fundamental. Lacan efetivamente não considera a psicanálise uma ciência e acho que, quando ela fala isso, ele fala isso já em *A função do campo e da palavra*, eu creio que é uma espécie de provocação aos analistas que queriam fazer da psicanálise, no pós-guerra, uma ciência verificacionista e, ao mesmo tempo, é uma tentativa do Lacan de construir o campo psicanalítico como um campo epistemológico que não se confunde com a biologia, com a filosofia, com a religião, com a linguística. Então é uma tentativa de dizer: “Olha, o que a gente apresenta ao mundo é algo diferente.” E por mais que seja absolutamente tentador eu me transformar num cientista, eu me transformar num filósofo, num biólogo, num sociólogo ou num linguista, eu tenho que dar um jeito de sustentar a posição da psicanálise como campo epistêmico novo.

**BFP:** Ou seja, esse Deus da ciência que tenta unificar, para a psicanálise, está dentro. É o sujeito que sabe.

**DM:** Eu acho que a psicanálise não é globalizante. Eu acho que essa é a grande novidade, a coisa da psicanálise. Mas, se formos pensar nesses termos, esse Deus aí tem que ser necessariamente um Deus manco. Ele não pode ser o Deus da onipotência, da onipresença. Ele tem que ser um Deus manco. E, como se falar em Deus manco é um paradoxo, então a gente vai pensar a psicanálise como... para eu ser provocativo... não como a ciência do inconsciente, não como a ciência da linguagem, mas a ciência da falta. E aí nesse sentido o grande, digamos assim, patrono da psicanálise seria alguém de fora da psicanálise: o Kurt Godel. A gente pode até fazer uma brincadeira com esse Godel: God-Godel. O Godel, como todo mundo sabe, é o sujeito que diz que nenhum sistema lógico pode provar em si mesmo a sua própria consistência. Nenhum sistema lógico se fecha em si mesmo. Godel é o patrono extrapsicanalítico da psicanálise. E que ficou maluco também como o Alan Turing, o Georg Cantor, John Nash... tem certas coisas com o que a gente não pode brincar! [risos]

**BFP:** Em que termos o debate entre psicanálise e neurociências pode acontecer?

**DM:** Só pode acontecer se houver o reconhecimento de que a epistemologia não pode ser única, que os recortes do real podem perfeitamente ser reconhecidos como tal. Assim como o Kandel há outro vienense, o Paul Feyerabend, um epistemólogo, que escreveu, por exemplo, *Adeus à razão, Contra o método*. Feyerabend foi um contemporâneo mais jovem que o Karl Popper que participou do Círculo de Viena e acabou sendo um oficial do exército nazista durante a Segunda Guerra, mas não sei se ele era propriamente um nazista. Este autor é um sujeito que defende o princípio da proliferação dos saberes, o que implica num princípio de proliferação de métodos. E aí, nesse sentido, o método analítico pode acabar sendo ungido e esse diálogo passa a ser possível. Isso se a coisa não for dominada pela injunção econômica que diz: “Vocês

discutam o quanto quiserem, mas digam para mim como vou gastar menos para tratar um esquizofrênico porque para mim é isso que interessa.” Se não houver esse tipo de injeção, eu acho que é perfeitamente possível esse respeito mútuo às diferenças no modo de recortar o real.

**BFP:** Mas, para além do respeito, uma colaboração seria possível?

**DM:** Eu acho que não. Acho que a colaboração fundamental seria o que chamo de respeito ao princípio metodológico, isto é, reconhecer a diferença entre os métodos. Por exemplo, se eu digo que a angústia, pensando em Freud, é um sinal de que algo do inconsciente vai aparecer, ou se digo que a angústia é a falta da falta, como diz o Lacan, ou ainda se digo que a angústia, cujo nome mercadológico é síndrome do pânico, é uma espécie de desequilíbrio dos neurotransmissores - acho que nenhum neurocientista e psiquiatra sério acreditaria nisso hoje em dia - são formulações em que se pode ver que não há uma colaboração possível, mas sim um respeito. Acho que infelizmente a gente tem que se acostumar com um mundo recortado mesmo.

**BFP:** Você conhece o trabalho do Benilton Bezerra, da Perla Klautau e da Monah Winograd. São psicanalistas que tomam plasticidade cerebral, epigênese e normatividade como conceitos-chave para o diálogo entre neurociências e psicanálise e propõem que o conhecimento sobre o cérebro pode auxiliar a psicanálise a teorizar e intervir nos casos em que a técnica interpretativa se mostraria inoperante. Eles falam, por exemplo, na clínica com pessoas que têm falhas básicas na constituição psíquica, seja por causas psicogênicas ou por lesões cerebrais, causas orgânicas, apontando para a necessidade de ações mais construtivas e menos interpretativas, em que o analista se pensaria também como um agente das transformações sobre a materialidade cerebral. Você vê alguma fertilidade nesse tipo de pesquisa?

**DM:** Eu conheço o trabalho da Monah e do Benilton e, inclusive, já falei com o Benilton sobre isso. Acho que esses conceitos são efetivamente conceitos que tornam o analista muito simpático ao discurso neurocientífico.

O Jean Pierre Changeux, um neurocientista francês fundador da noção de neuroplasticidade e autor de *O homem neuronal*, escreveu seu livro depois de uma conversa com quatro analistas da Escola da Causa Freudiana, o Alain Didier Weill, o Jacques Alain Miller, o Eric Laurent e acho que o Jean Bergès também. Esta conversa entre eles está publicada na revista *Ornicar?* números 17/18. Inclusive o Changeux escreveu *O homem neuronal* logo depois da morte do Lacan. O criador da noção de plasticidade neuronal, Changeux, acredita que no futuro a gente vai extirpar a angústia do ser humano. Eu não sei como um homem que é brilhante, inteligente, lê poesia, lê filosofia, assiste Pasolini é capaz de pensar uma sandice dessa! Mas ele pensa. Eu acho interessante essa proposta do Benilton e da Monah, mas acho que o que eles falam é mais ou menos chover no molhado. Tem-se um conceito muito antigo na psicanálise que é analisabilidade e eu creio que o analista possa efetivamente se dar conta de que há certas coisas que não cabem no campo dele. Eu não sei se vale a pena eu fazer um raciocínio contrário e aí dentro dessa ideia de que eu preciso fazer da psicanálise uma totalidade, pegar uma coisa que tem como elemento de referência uma reabilitação pós-AVC, por exemplo, e chamar isso de uma psicanálise. Existem outras áreas que fazem isso. Se aquele trabalho da linguagem chegou até um ponto que não foi mais além, tá bom, a psicanálise foi até aqui. Se vale a pena continuar a psicanálise enquanto o paciente faz algum outro tipo de tratamento, isso pode ser discutido. Um dos livros que eu publiquei chama-se *Psicanálise e Medicina*, sobre o uso de psicotrópicos na clínica. Nele falo que medicar alguém não é analisar alguém. Você usa um outro tipo de saber. Qual o problema de se poder dar conta de que eu medico, que eu analiso, e que essas coisas podem ser tanto convergentes quanto divergentes? A medicação tanto pode favorecer para que o sujeito fale melhor na análise, como a medicação pode favorecer ao sujeito te dizer: “Pô, doutor, eu não tô mais me sentindo em crise, então eu não preciso vir mais, tá bom?” Esses conceitos a que o Benilton e a Monah se referem são conceitos que estão na obra do Edelman, do Steven Rose, de pessoas que não pensam as estruturas cerebrais como se elas fossem efetivamente pedaços de tijolo, em que só se precisa encontrar, reconhecer e descobrir qual é o pedacinho certo para eu poder manipular aquilo.

**BFP:** Existem muitas críticas em relação à psicanálise, no sentido de que ela uma hora não vai servir mais para nada ou de que ela já não tem qualquer tipo de utilidade. Parece a você que trabalhos como o do Benilton e da Monah são esforços no sentido de reconhecer a importância da psicanálise, mas que acabam por querer fazer dela um saber mais totalizante?

**DM:** Sim. Nós, os falasseres, - e isso é uma leitura efetivamente possível do Freud e efetivamente uma leitura descarada do Lacan - não suportamos os buracos e a gente procura preenchê-los de qualquer maneira. Uma tentativa como essa é uma tentativa de preencher buracos. É importante manter a psicanálise aqui e a reabilitação ali, e se dar conta de que há certas coisas que eu não vou tratar psicanaliticamente. Lembrem-se: a questão do tratamento da psicose sempre foi um problema para o Freud, por exemplo. Para os kleinianos me parece menos problemático porque eles têm uma noção de psicose muito ampla, a ponto de considerar que o meu sintoma histérico na verdade é uma defesa ao meu sintoma psicótico. Um kleiniano que me corrija se eu falei uma besteira. É um conceito muito amplo de psicose, que não é um conceito estrutural de psicose, que é o que está no Freud e é o que está pelo menos no primeiro Lacan. Isso sempre foi uma questão. Quando os neurolépticos surgiram lá no final dos anos 1950, os analistas ficaram muitos felizes porque eles poderiam analisar melhor os psicóticos a partir do momento em que tivessem tomado a clorpromazina ou a levomepromazina ou o haloperidol, que também é lá do começo dos anos 1960. Porque desse jeito dava a impressão que seria possível conversar com os psicóticos. Mas medicar e começar a agir com alguém orientando-o a fazer de uma maneira ou de outra não é psicanalisar. Isso pode ser muito bom, não estou dizendo que não é, mas não é psicanálise. Não que nós psicanalistas, às vezes, em algum momento na direção de análise, não precisemos fazer isso, isto é, deixar estrategicamente de lado o saber do Outro e fazer valer o saber ordinário.

**BFP:** Aproveitando que você falou do Jean-Pierre Changeux: em seu trabalho *Psicanálise e ciência: a neurociência questiona*? Você menciona que esse neurobiólogo afirma que o conhecimento científico não necessita de justificação,

mas sim de validação e demonstração. Você diz então que a psicanálise, em direção inversa, seria um conhecimento que se justifica e que não pode ser validado nem demonstrado fora do um a um da clínica. O que justifica a psicanálise?

**DM:** Boa pergunta...o que justifica a psicanálise é o reconhecimento da singularidade de cada sujeito. Fora da clínica do um a um não há psicanálise. Nós temos essa tendência à unidade, que eu acabei de dizer, e ela não é diferente a essa tendência de tomar parte de um grupo. Acho que não é à toa que de repente você chega numa praça e tem 50 pessoas caçando Pokemon, ou de repente tem 50 mil pessoas cantando *A Hard day's night*, dos Beatles, ou *Satisfaction*, dos Stones, como era na metade dos anos 1960. Acho que a gente tem essa espécie de vontade de união, que faz com que a singularidade sempre seja uma pedra no sapato dos pais quando conversam com os filhos, dos filhos quando conversam com os pais, dos amantes, quando eles começam a perceber que eles não concordam com as mesmas coisas. O que justifica a psicanálise é: reconheça que você criou o seu próprio sintoma e vamos ver como é que você pode trabalhar com isso de um modo que não te destrua tanto.

**BFP:** As pesquisas científicas não são isentas. Em seu trabalho você lembra o Andre Pichot, no livro *A sociedade pura*, quando ele aborda a colaboração entre a ciência e o regime nazista. Como você vê o cenário na atualidade? A ciência fomenta a sociedade de controle? De que maneiras?

**DM:** Antes de tudo: a ciência do controle do comportamento humano é a ciência que concerne a nós, psicanalistas. Mas acho inegável que a ciência hoje funciona na base de gigantescas somas de dinheiro que são dadas por instituições de fomento, públicas ou privadas, e creio que isso fala por si só. Há uma coisa engraçada e eu estou até para escrever sobre isso – mas não tive saco porque eu não sei se os interlocutores valem a pena: no campo psiquiátrico tem agora uma manifestação dentro desse clima do politicamente correto que se chama “psicofobia”. Tem até psiquiatras que querem criminalizar essa fobia, a “psicofobia, que significa tratar com preconceito

uma pessoa que tem uma doença mental. Então tem: islamofobia, psicofobia, homofobia, putaqueopariufobia e sei lá o quê mais! Agora os psiquiatras estão querendo fazer valer isso. O que eu queria escrever, que tem a ver com a sociedade de controle, é que se trata do próprio discurso psiquiátrico que faz com que essa psicofobia prevaleça. Porque o discurso psiquiátrico vem de certa maneira sustentar que, se eu tenho uma doença mental, ou se faço uma coisa muito ruim - se eu mato alguém ou se eu não paro de comprar, não paro de trepar, não paro de comer... - eu faço tudo isso porque eu tenho um defeito genético. Quando alguém afirma isso, afirma que aquilo que me faz ser diferente está completamente fora do alcance do outro: está lá inscrito nos profundos miasmas do meu DNA e que, sendo assim, o meu tata-ravô já tinha isso e a coisa veio passando de geração em geração, escondido pela minha família, até chegar a mim. Esse discurso psiquiátrico me coloca como um sujeito efetivamente marcado pelo mal, marcado pela loucura ou marcado pelo descontrole. Creio que esse tipo de discurso acaba fazendo muito sucesso porque, você imagina: um pai que sabe que o filho tem déficit de atenção e que esse déficit de atenção tem uma relação com sei lá eu que merda que acontece no cérebro da criança, e, portanto, você, pai e mãe, se vocês fossem mais amorosos, menos amorosos, mais dedicados, menos dedicados, não ia adiantar merda nenhuma! No discurso mais radical é isso que se pensa. Eu acho que alguns psiquiatras pensam exatamente assim, só que também não é politicamente muito correto dizer isso, então eu acho que eles douram um pouquinho a pílula dizendo: “Se a senhora trabalhar um pouco menos, quem sabe o seu filho melhore.” Numa sociedade do espetáculo e midiática esse discurso psiquiátrico parece se justificar, porque chega como que demonstrando para todo mundo que se precisa de fato de uma polícia mental para evitar que as pessoas façam grandes cagadas. Até os tais lobos solitários dessa coisa do terrorismo islâmico. Alguns deles, vocês já devem ter notado, o pessoal faz questão de dizer que eram doentes, tinham passado por um psiquiatra, usavam drogas, não sei mais o quê e, de repente, foram cooptados por um discurso que os valorizou. Já li isso para falar de um monte desses caras, principalmente o pessoal que faz os atentados na Europa.

**BFP:** Quer dizer o sujeito, a pessoa não tem nada a ver com isso. Nem ela, nem pai, nem mãe...isso é algo que acontece e que não implica o sujeito com o seu sintoma.

**DM:** E esse discurso acaba gerando nas pessoas uma coisa do tipo: “se é assim, então, quem é que vai controlar isso?”. Aí se fomenta a sociedade de controle, mas é um discurso que a princípio é um discurso ideológico. Eu acabei de ler um texto do Philippe Labarthe, que é alguém até ligado ao campo lacaniano também, chamado *O mito nazista*. Uma aluna minha do Hospital do Servidor Estadual, quando viu aquilo, ficou meio estarelecida, como se aquele livro quisesse dizer que o nazismo foi um mito, não tivesse sido verdade. Mas o que ele escreve na verdade é que o mito nazista, ao contrário do que muita gente pensa, não foi algo que escapou completamente da racionalidade iluminista - o Labarthe diz que o mito nazista se inscreveu diretamente nessa racionalidade do Iluminismo e da ciência, que era exatamente essa ciência biológica que assume a tentação eugênica. O Julian Huxley, por exemplo, que é um biólogo renomadíssimo (tio do Aldous Huxley, que nos deu a *As portas da percepção*; *Céu e inferno*; *A ilha*; *Admirável mundo novo* e tal), e que era um membro da Real Academia de Ciências Britânica e um darwinista ferrenho, defende literalmente que a eugenia tem que ser feita. E o primeiro congresso de eugenia da história, que deve ter sido em 1910-1920, foi dirigido por um sobrinho do Darwin. Pode-se constatar que se tem todo um discurso gestado previamente ao nazismo que diz: “A ciência está demonstrando que a gente pode melhorar as pessoas, então se eu posso melhorar o pé de alface, por que eu não posso melhorar o humano?” Disso para “eu tomei o poder e não gosto de homossexual, deficiente mental, judeu, cigano e preto, então eu vou matar todo mundo porque eles são humanamente impuros” é um passo. E, então, não é produto de maluco ou de alguém que está como exceção de um discurso, é alguém que está inteiramente no discurso.

**BFP:** Você vê, em sua clínica, ressonâncias de um projeto de padronização, modelização empreendido por esse cientificismo contemporâneo? Estamos pensando sobre o paciente que chega ao psicanalista tendo passado

antes, por exemplo, por um médico que lhe deu um diagnóstico, ou então que fez uma pesquisa no Google e que nomeia o seu sintoma como algo que está dentro de um sistema codificado...então é quase como se ele anunciasse de início que não resta muito para ele fazer, aquilo já está dado, respondido. Isso tem aparecido na sua clínica?

**DM:** Sim. Além de psicanalista, eu sou um médico psiquiatra. Então é um prato cheio para isso. Mas daí eu volto à pergunta sobre o que justifica a psicanálise. O que justifica a psicanálise é a gente conseguir fazer valer, no meio dessa uniformidade inteiramente favorável à sociedade de controle, que o sujeito se dê conta da singularidade dele.

**BFP:** Como você vê a psicanálise nas universidades? Parece a você que o ensino nas universidades tenderia a equiparar a psicanálise a outras disciplinas científicas, destituindo-a de sua originalidade?

**DM:** Sim, certamente. Mas é aí que entra uma coisa que certamente não é a minha praia, mas eu creio que os psicanalistas não devem nem se furtar a esse debate e a essa prática. Há analistas que escrevem coisas que um laciano, por exemplo, quer se jogar da ponte, mas é interessante o serviço que eles prestam à psicanálise. São analistas como o Glenn Gabard, o Peter Fonagy, o Marco Chiesa, que têm feito trabalhos psicanalíticos empíricos. Psicanalistas dos países nórdicos têm um trabalho que eu até cito em meu artigo, que é um trabalho feito num segmento de três a cinco anos, demonstrando o quanto a psicanálise, três anos depois, é superior a qualquer outro método. Isso de vez em quando aparece até no *The Journal of the American Medical Association*. O *JAMA*, que é uma das principais revistas médicas do mundo, publicou há uns quatro anos um artigo afirmando que a psicanálise era o método mais eficiente dos métodos psicoterapêuticos. Acredito que temos que olhar para isso sempre com muita desconfiança, porque acho que a gente tem que sustentar a psicanálise num outro lugar e não nessa demonstração de eficiência, que é na verdade uma *mise en scène* para, sei lá, o Ministério da Saúde ou para o convênio médico não sei das quantas.

**BFP:** Mas não dá para se furtar dessa discussão.

**DM:** Não podemos nos furtar desse debate, nos encastelando em simpósios psicanalíticos para psicanalistas, sem participar de simpósios de filosofia, neurociências ou medicina. Esse isolacionismo é ruim.

**Durval Mazzei Nogueira Filho**

R. Almirante Pereira Guimarães, 298 - Pacaembu  
11 3862 5716  
dr.durval@uol.com.br

**Luana Viscardi Nunes**

R. Coronel Artur de Godói, 149 - Vila Mariana  
11 3384 0575  
luana.viscardi.nunes@gmail.com

**Telma Nunes de Oliverira Ximenes**

R. Manoel da Nóbrega, 456 cj 123 - Paraíso  
R. Apucarana, 326 cj 13 - Tatuapé  
11 99143-2236  
telximenes@gmail.com